

O sertão na cidade



O escritor Ronaldo Correia de Brito no Recife, cenário de seu novo livro. A busca por um irmão desaparecido está no centro da trama

CRÍTICA

O SERTÃO NA CIDADE

No romance **"Estive Lá Fora"**, Ronaldo Correia de Brito retoma a dialética entre o meio rural e o espaço urbano, presente em obras anteriores, e se aproxima da excelência de seus contos

POR VINICIUS JATOBÁ

A difícil arte da narrativa curta possui entre os escritores brasileiros contemporâneos três mestres: Marçal Aquino (*Faroestes, O Amor e Outros Objetos Pontuados*), Rubens Figueiredo (*As Palavras Secretas*) e Ronaldo Correia de Brito (*Faca, O Livro dos Homens*). Somam-se a essa lista os trabalhos recentes de Sérgio Sant'Anna, Dalton Trevisan e Rubem Fonseca, embora seus livros novos percorram territórios já conhecidos. Autores de algumas obras-primas do gênero, Aquino, Figueiredo e Correia de Brito criaram contos densos e minuciosos. Não é surpresa, portanto, que encontrem dificuldades ao escreverem narrativas longas. Dos três, o cearense Correia de Brito é o que se sai melhor nessa seara.

Uma das maiores qualidades de seus contos é a propensão à mitologia. A escrita de Correia de Brito habita o sagrado. Como solo mítico, ele toma não apenas a *Bíblia* (com a qual aprendeu a ler), mas também o sertão e sua força imagética. Cada texto funciona como uma poderosa metáfora regional de sentimentos uni-

versais. *Galileia*, seu primeiro romance, é a tentativa de expandir essa vocação mitológica para uma narrativa de maior fôlego. Valendo-se de das polaridades cidade-sertão, regional-nacional, rústico-tecnológico, o livro explora a angústia da lealdade e o quanto um homem, ainda que sofisticado, jamais consegue escapar daquilo que lhe foi encucado pelo ambiente em que cresceu. A narrativa sofre, porém, de certa redundância.

ABRAÇANDO A SUJEIRA

No recém-lançado *Estive Lá Fora*, Ronaldo Correia de Brito dá um passo decisivo para se firmar como romancista. Nele, o autor exerce sem desconfiança o gênero romanesco: aposta na interrupção e no fragmento, arrisca-se em tramas de diálogos soltos e vale-se de um ocasional didatismo histórico para contextualizar o período ditatorial iniciado em 1964. Correia de Brito larga de mão a prosa do conto, mineral e calculada, e abraça de vez a sujeira. A narrativa percorre a superfície do Recife: seu rumor, suas ruas, o rio Capibaribe. O pro-

tagonista, Cirilo, deixou o sertão rumo à cidade para estudar medicina e tenta agora encontrar seu irmão, Geraldo, um foragido da polícia política. As polaridades metafóricas de *Galileia* são retomadas, mas numa narrativa que respira mais solta.

Correia de Brito se deixa levar pelos encontros com personagens e distrai-se com os espaços da cidade, a exemplo de seu protagonista, que se agarra a cada novo estímulo, tentando se engajar em algo para além das próprias feridas. Se o romancista ainda não alcançou o genial contista, com o bem-acabado e ricamente matizado *Estive Lá Fora*, a distância entre eles se estreitou. ■

VINICIUS JATOBÁ é crítico literário, escritor e cineasta.

O LIVRO

Estive Lá Fora, de Ronaldo Correia de Brito. Editora Alfaguara, 294 págs., R\$ 44,90.